

NOSSA! EU ESCREVIA ASSIM? SERÁ MESMO QUE FUI EU?

Eliete Martins Fernandes¹
Kátia Cristina Sommer²
Kétarine de Matos Gomes³
Pricila Bergmann⁴
Rosana Mara Koerner⁵

INTRODUÇÃO

Alfabetização é a palavra utilizada para definir o processo de aquisição da tecnologia da escrita, ou seja, é o conjunto de habilidades e procedimentos que consistem no domínio de um conjunto de técnicas que se fazem necessárias para o desenvolvimento da prática e da ciência do ler e escrever (SOARES, 2003).

O conceito de alfabetização, embasado nas ideias de Emília Ferreiro, considera a criança como sujeito ativo no processo de construção da linguagem escrita, em que ela busca a compreensão da natureza da língua falada a sua volta, para então formular sua gramática pessoal, enriquecendo e aperfeiçoando o vocabulário elaborado na língua materna, contrapondo o sujeito como mero reproduzidor de uma língua fabricada por adultos (FERREIRO, 1999).

Tendo em vista a importância da alfabetização na atualidade, o presente artigo aborda questões pertinentes quanto ao cotidiano em sala de aula, e os professores alfabetizadores. Faz referência aos estudos de Ferreiro sobre como a criança aprende e o desenvolvimento das fases de escrita, e também seus estudos junto com Ana Teberosky, quando ambas propuseram a ideia da psicogênese da língua escrita.

Inicialmente são feitas algumas ponderações sobre a temática central: alfabetização de crianças e fases de escrita. Na sequência seguem as informações sobre a metodologia da pesquisa e as apresentações dos principais

¹ Estudante do 3º ano do curso de Pedagogia, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: eliete.rosario@gmail.com

² Estudante do 3º ano do curso de Pedagogia, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: katiacschmidt@hotmail.com

³ Estudante do 3º ano do curso de Pedagogia, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: ketarinemg@bol.com.br

⁴ Estudante do 3º ano do curso de Pedagogia, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: prib_14@hotmail.com

⁵ Professora do curso de Pedagogia, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. E-mail: rosanamarakoerner@hotmail.com

resultados permeados de reflexões quanto às fases de escrita em que se encontram estudantes do 1º ano do ensino fundamental da rede pública municipal de um município localizado no nordeste do estado de Santa Catarina. O artigo se encerra com algumas considerações e suas devidas referências.

PONDERAÇÕES INICIAIS

Muitas crianças esperam ansiosas a entrada no 1º ano do ensino fundamental, pois sabem que é nessa etapa da escolarização que aprenderão a “ler e escrever”. No Brasil, os três primeiros anos do ensino fundamental são destinados ao processo de alfabetização, sendo o 1º ano o período introdutório das primeiras descobertas e das aproximações mais sistematizadas com a linguagem escrita.

A alfabetização é um dos principais momentos da educação básica dos sujeitos. É nessa etapa que ele conquistará um dos pré-requisitos para dar continuidade à sua vida escolar, a apropriação da escrita e da leitura. Para Magda Soares (2003, p. 91), a “alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia - do conjunto de técnicas - para exercer a arte e ciência da escrita”.

A história da alfabetização em nosso país ganhou maior ênfase no final do século XIX devido à Proclamação da República. Nesse período se formou a ideia de uma escola institucionalizada para o preparo das novas gerações e que visasse atender os ideais do Estado republicano. No âmbito desse ideal, “saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social” (MORTATTI, 2008, p. 2). Foi a partir desse momento que as atividades da leitura e escrita passaram a fazer parte do currículo de uma escola obrigatória, leiga e gratuita.

Considerando tamanha importância, muitos professores procuram se afastar das turmas de alfabetização, uns pela responsabilidade que o processo demanda, outros por não se sentirem preparados para atuar nesta fase.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) elaborou documentos como *A criança de seis anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com linguagem escrita com crianças de seis anos de idade* (BRASIL, 2009), para nortear o trabalho dos professores alfabetizadores. Gontijo (2013) explica que a mudança do ensino fundamental para nove anos fez com que o MEC elaborasse documentos que fornecessem orientações para a inclusão das crianças de 6 anos e esses advertem que a antecipação do acesso para essas crianças não se trata de uma transferência de conteúdos da primeira série para as classes de seis anos, mas sim, da concepção de uma nova estrutura e organização, atendendo e considerando o perfil dos alunos, essencialmente no que diz respeito à linguagem escrita.

A criança chega à escola trazendo consigo um amplo conhecimento da língua materna desenvolvido nas vivências do cotidiano, porém, essa criança pode se tornar um espectador passivo quando suas práticas são desconsideradas, não havendo participação efetiva do aluno no processo de aquisição da escrita (FERREIRO, 2001).

Nesse contexto, é preciso que o professor repense sua prática, visto que, considerar os conhecimentos que a criança já tem sobre a linguagem escrita pode contribuir para sua aprendizagem, como afirmam Ferreiro e Teberosky (1985, p. 277):

...nenhum sujeito parte de zero ao ingressar na escola de primeiro grau, nem sequer as crianças da classe baixa, os desfavorecidos de sempre. Aos 6 anos, as crianças “sabem” muitas coisas sobre a escrita e resolveram sozinhas numerosos problemas para compreender as regras da representação escrita. Talvez não estejam resolvidos todos os problemas, como a escola o espera, porém o caminho se iniciou.

Ferreiro não estudou como se deve ensinar, mas sim como a criança vai aprender e tem como foco o conhecimento prévio do aluno que, nesse contexto, é sujeito na construção do conhecimento, bem como no desenvolvimento do processo da escrita, que se apresenta para ela através de níveis (FERREIRO, 1999).

Com base em Ferreiro, a autora Costa explica que (s. d.), no nível pré-silábico o aluno produz uma escrita em forma de linhas curvas com tamanhos desiguais, não segue a linha do caderno e não compreende que as letras representam sons da língua falada, ou seja, não consegue perceber a relação

som/grafia. Já no nível silábico o aluno percebe a relação entre o que se fala e o que se escreve e estabelece uma letra para cada sílaba, compreendendo que cada letra representa um som. Durante o nível silábico-alfabético o aluno começa a perceber que é preciso mais de uma letra em cada sílaba para escrever na forma convencional, ou seja, entende que, dependendo do tipo de som falado, é preciso uma ou mais letras para cada sílaba. Por último temos o nível alfabético em que o aluno evidencia que já percebeu como funciona o sistema da nossa escrita, dominando os sons das letras e sílabas, entendendo que para grafar uma sílaba são necessárias duas ou mais letras, compreende a escrita como transcrição fonética da sua fala; porém, ainda não tem total domínio da escrita e apresenta muitos erros ortográficos e de segmentação.

Duarte e Rossi (2008) explicam que sobre os métodos, Ferreiro enfatiza que são sugestões e não constroem o conhecimento. Em sua concepção seria eficaz o professor enquadrar o seu ponto de vista ao dos alunos, adaptando o seu programa ao conhecimento prévio que cada turma tem, para então introduzir as crianças na linguagem escrita, cada qual a seu tempo reconhecendo que é um processo complexo e demorado.

Emilia Ferreiro é uma educadora argentina que estudou as fases de desenvolvimento da escrita, juntamente com Ana Teberosky publicaram um significativo estudo sobre a psicogênese da língua escrita. Suas obras revelaram questões sobre o aprendizado das crianças em fase de alfabetização que surgiram a partir de dúvidas relacionadas a métodos tradicionais utilizados na escola. Atualmente, muitos professores têm repensado sua maneira de alfabetizar baseando-se nesses estudos, que nos explicam os caminhos percorridos pela criança em fase de alfabetização, defendendo uma aprendizagem significativa, que acontece através de interações entre o indivíduo e o meio.

Para Moraes (2006), os discursos sobre métodos de alfabetização trazem uma baixa contribuição para a alfabetização de camadas populares em escolas públicas. Este autor faz uma análise e questionamentos aos métodos de alfabetização denominados fônicos e construtivistas, pois para ele é preciso reconhecer a alfabetização como um processo necessário e sistematizado, não somente de aprendizagem da escrita alfabética, ou como um processo que ocorre de forma espontânea.

A técnica da escrita se desenvolve a partir do momento que as crianças descobrem como escrever e para que escrever. Ao reconhecer o significado da escrita no seu cotidiano a criança percebe que esta é fator determinante no posicionamento diante da sociedade, na qual a escrita representa as ideias, os conceitos e os objetos no mundo real que determinam a cultura de um povo.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi desenvolvida como atividade de ensino na Alfabetização e Letramento, cursada durante o 3º ano do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade ao nordeste de Santa Catarina e também pelo interesse e curiosidade das acadêmicas pelo tema proposto. O primeiro momento da pesquisa foi dedicado à coleta de materiais bibliográficos já publicados sobre a temática alfabetização.

Paralelamente à construção do referencial teórico foi dado início à realização da pesquisa de campo, que permitiu um contato maior com o espaço escolar, as crianças em processo de alfabetização e suas produções (ditados), que são o objeto direto de estudo desta investigação. As escritas das crianças foram observadas e nelas foram buscados indícios das fases de aquisição da escrita nas quais se encontravam, considerando os níveis propostos por Ferreiro e Teberosky (1985).

Os dados foram coletados através da aplicação de ditados de palavras, que se realizou durante o período de maio a setembro de 2014 (cinco meses), com 15 crianças em fase de alfabetização, estudantes do 1º ano do ensino fundamental da rede pública municipal de um município também localizado ao nordeste do estado de Santa Catarina. O ditado foi composto por dez palavras estrategicamente selecionadas, que foram repetidas em todas as aplicações, uma por mês, totalizando cinco ditados de cada criança, que evidenciaram pouco o desenvolvimento do processo de alfabetização.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Os ditados foram aplicados em uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, que está localizada na área rural de uma cidade do nordeste do estado de Santa Catarina. Estudam nesta turma 15 alunos; destes 12 são meninos e 3 são meninas, todos entre 6 e 7 anos de idade. A professora regente é graduada em Pedagogia e atualmente está cursando o Mestrado em Educação. Já atuou na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, com ênfase na classe de alfabetização, na qual atua há 13 anos. No ano de 2013 participou do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), do Ministério da Educação (MEC).

O primeiro ditado foi aplicado no dia 5 de maio de 2014. Havia na turma 15 alunos, desses, 13 estavam no nível pré-silábico e 2 no nível silábico. O aluno N escreve utilizando letras e números, não fazendo distinção entre ambos; já o aluno GD ainda escreve com garatujas, que são rabiscos produzidos na fase inicial da escrita (LOWENFELD e BRITAIN, 1977), e em alguns momentos utiliza números. Nenhum dos alunos faz relação entre fonema e grafema, alguns nem aguardavam a próxima palavra ditada, já escreviam todas sem nem mesmo saber qual palavra seria solicitada. Segundo Costa (s.d.), no nível pré-silábico:

O alfabetizando produz, geralmente, uma escrita em forma de linhas curvas com tamanhos irregulares e dificilmente segue a linha do caderno ou utiliza letra aleatoriamente. Isso ocorre porque na observação da escrita cursiva, para quem não domina o sistema da escrita, não se diferem os contornos das letras individualmente e sim as curvas de cada palavra como um todo. Escreve-se reproduzindo a imitação da forma como se vê.

O segundo ditado aconteceu no dia 11 de junho. Desta aplicação participaram 13 alunos, todos no nível pré-silábico. Percebeu-se então, que os alunos M e JM voltaram ao nível pré-silábico. É interessante registrar que no momento do ditado, quando solicitada a escrita da palavra “formiga”, o aluno JM relatou: “Escrevi igual tá aqui no meu penal”. Então foi questionado se ali estava escrito “formiga”, ao que a criança respondeu que não. É provável que o aluno soubesse que as letras escritas em seu penal (estojo) não correspondiam ao som da palavra “formiga”, pois como já observado no ditado anterior, ele já fazia correspondência entre grafema e fonema.

Com o aluno M ocorreu fato semelhante, quando este buscava apenas copiar as palavras do colega que estava próximo. Ambos apenas buscavam

encontrar um lugar de onde pudessem copiar algumas letras, não refletindo sobre quais ou quantas deveriam utilizar naquela ocasião, ignorando qualquer relação entre fonema e grafema, uma vez que “a manipulação da linguagem escrita necessita de um certo grau de reflexão consciente a respeito das características gerais da escrita” (FREITAS, 2005, p. 2). Já o aluno GD saiu das garatujas passando a utilizar somente letras, o que demonstra sua evolução.

No dia 09 de julho foi realizado o terceiro ditado com a participação de 13 alunos. A maioria deles, o equivalente a 12 crianças, encontrava-se no nível pré-silábico; apenas o aluno JM estava no nível silábico, como no primeiro ditado realizado com a turma, confirmando a hipótese do mês anterior de que este só estava fazendo cópia, sem refletir sobre a escrita.

Os alunos N e GD novamente não esperaram as palavras serem ditadas, escrevendo-as antes de serem ditadas, mesmo após ser explicado que precisavam saber qual palavra seria falada para poderem colocar as letras que corresponderiam ao som, pois “para aprender a ler e escrever, o indivíduo necessita entender a relação estabelecida entre fala e escrita [...]” (FREITAS, 2005, p. 1). O aluno GU escreveu a palavra “elefante” com muitas letras e “formiga” com apenas 3. Quando questionado respondeu que escreveu assim porque o elefante é grande e a formiga é pequena, relacionando o tamanho do animal citado com a quantidade de letras que escrevia. Esse fato é chamado de realismo nominal, quando “a criança acha que os nomes das pessoas e das coisas têm relação com os seus tamanhos” (FREIRE, 2014).

No dia 14 de agosto foi realizado o quarto ditado. 14 alunos participaram; destes, 11 se encontravam no nível pré-silábico, nenhum no nível silábico, 2 no nível silábico-alfabético e 1 no nível alfabético. Observando os ditados é evidente que a aluna M está em fase de transição, do nível pré-silábico para o silábico, semelhante à fase de algumas outras crianças da turma. Também é perceptível que o aluno GU teve um desenvolvimento considerável, pois passou do nível pré-silábico para o nível silábico-alfabético. Neste mês a turma recebeu uma aluna nova, vindo de outro município. A referida aluna (T) está no nível alfabético, mostrando-se aquém do restante da sala.

O último ditado aconteceu no dia 15 de setembro. Nesse dia estavam presentes 13 alunos, sendo que 10 se encontravam no nível pré-silábico, 1 no silábico, 1 no silábico-alfabético e 1 no alfabético. A aluna E avançou para o nível

silábico, assim como JM passou para alfabético e GU permaneceu no nível silábico-alfabético, demonstrando pouca evolução para o período letivo.

Nos dois últimos ditados percebeu-se que muitos alunos, mesmo estando no nível pré-silábico, escreveram a palavra “casa” conforme a ortografia convencional. Observou-se, então, que as crianças identificavam a palavra através de sua imagem que está em cartazes fixados na parede da sala. É relevante lembrar também que nesse mesmo cartaz há o desenho de uma “vaca” (feito pelos próprios alunos) com o seu nome escrito ao lado. Quando ditada a palavra “boi”, muitos alunos associaram com a figura da vaca; portanto, na hora de escrever, ao invés de tentarem escrever “boi”, copiaram a palavra “vaca” do cartaz.

A análise qualitativa dos 5 ditados produzidos pelos 15 alunos da turma entre os meses de maio e setembro mostra seu contato com a linguagem escrita e suas tentativas para entendê-la e usá-la. Os episódios do retorno de alguns alunos à fase anterior, a cópia da palavra “vaca” do cartaz e outros descritos anteriormente, mostraram momentos peculiares do processo de aquisição da língua escrita, evidenciando as construções de hipóteses e estratégias utilizadas pelos alunos.

Os resultados também mostram que a maioria dos alunos pouco avançou durante estes cinco meses; no entanto, há vários alunos em fase de transição entre os níveis. Isso sugere uma investigação mais profunda por parte de todos envolvidos -professores, diretor, pais, equipe de orientação-, com o objetivo de conduzir as atividades escolares no sentido de dar uma contribuição efetiva no processo de aquisição da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados aqui apresentados permitiram algumas reflexões a respeito do processo de aquisição da linguagem escrita. A temática estudada faz-se presente diariamente no cotidiano dos professores das classes de alfabetização, ainda que em algumas escolas com menor ênfase. O processo de aquisição da linguagem escrita é complexo e imprescindível ao desenvolvimento dos alunos na sua formação como cidadãos, bem como o docente conhecer suas fases é fator indispensável para desempenhar seu papel de alfabetizador.

Observando os objetivos propostos e o referencial desenvolvido, foi possível observar a complexidade do processo de aquisição da língua escrita, que em cada fase apresenta alterações no seu desenvolvimento, evidenciando que o aluno e suas vivências cotidianas, tal qual é discutido nos estudos de Ferreiro, são o ponto central no contexto da aprendizagem da técnica da leitura e escrita.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi possível perceber também que os alunos se adaptam às situações que se apresentam a sua volta, justificando nesse fato, determinados alunos se orientarem pelas atitudes dos colegas de classe, demonstrando que a cópia pode ocorrer e faz parte do desenvolvimento individual de cada um. Não foi possível observar uma evolução completa e generalizada na pesquisa de campo, até porque uma análise profunda não era o objetivo desta pesquisa; no entanto, vários alunos que na finalização dos ditados encontravam-se em fase de transição possivelmente estavam a um passo de compreender a técnica da escrita, apontando para a necessidade de mais estudos referentes a cada fase do desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem escrita.

Concluindo nossa investigação, levamos como aprendizado para a carreira docente o entendimento das etapas que a criança percorre durante o processo de alfabetização, suas idas e vindas, algumas das hipóteses construídas, as soluções criativas que utilizam para solucionar as barreiras que surgem durante o percurso e principalmente a importância da mediação e condução ocorrer de forma coerente pelo professor para que os alunos possam obter o máximo de aproveitamento em cada fase, evitando déficits futuros.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade.** Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4034-crianca-seis-anos-opt&category_slug=marco-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 25 maio 2014.

COSTA, Patrícia Claudia. **Níveis de construção da escrita:** como identificar e intervir. Disponível em:

<http://www.nre.seed.pr.gov.br/umuarama/arquivos/File/texto_02.PDF>. Acesso em: 31 maio 2014.

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla. O processo de alfabetização da criança segundo Emilia Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, São Paulo, v. 6, n. 11. jan. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aprocesso_alfab_ferreiro.pdf> Acesso em: 29 maio 2014.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as letras**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Emília. & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____, Emilia. **Psicogênese da língua escrita** / Emilia Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. - Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Angela. **Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/referencial%20teorico%20%20-%20Em%C3%ADlia%20Ferreiro.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2014.

FREITAS, Gabriela C.M.de. **Alfabetização: Afinal...O que está acontecendo?** 2005, 24 f. Oficina - Secretária da Educação do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização no ciclo do ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as proposições do ministério da educação**. Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 35-49, jan.-abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n89/a03v33n89.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2014.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MORAIS, Artur Gomes. **Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?**. Pernambuco: UFPE, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>. Acesso em: 26 maio 2014.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>.
Acesso em: 15 jun. 2014.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil**. São Paulo: editora Global, 2003. p. 89- 113.

SOUSA, Édiva de Oliveira; MALUF, Maria Regina. Habilidade de leitura e escrita no início da escolarização. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 19, p. 55-72, dez. 2004. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752004000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 30 maio 2014.